



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARS

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI-ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

IVOR F. GOODSON

CURRÍCULO, NARRATIVA
PESSOAL E FUTURO SOCIAL

TRADUÇÃO

Henrique Carvalho Calado

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Maria Inês Petrucci-Rosa

José Pereira de Queiroz

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

G629c Goodson, Ivor F.
Currículo, narrativa pessoal e futuro social / Ivor F. Goodson; tradutor:
Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e
José Pereira de Queiroz. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Currículos. 2. Narrativas pessoais. 3. Biografia. 4. Educação. 5. Professores – Formação. I. Calado, Henrique Carvalho. II. Petrucci-Rosa, Maria Inês.
III. Queiroz, José Pereira de. IV. Título.

CDD – 375
– 808.8023
– 920
– 370
– 371.12

ISBN 978-85-268-1515-5

Título original: *Curriculum, personal narrative and the social future*

Tradução autorizada da edição publicada no idioma inglês pela Routledge,
membro do Taylor & Francis Group.

Copyright © by Ivor F. Goodson
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

A tradução e a revisão desta obra contaram com o apoio do CNPq –
Processo n. 405697/2016-3.



Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para meu pai, Fred, que me ensinou sobre amor e lealdade.
E para meu professor de história na Forest School,
Dai Rees, que me abriu tantas portas.

Quando a gente olha para as coisas grandes, a situação política, o aquecimento global, a pobreza do mundo, tudo parece mesmo horrível, nada está melhorando, não há nada de bom para esperar. Mas então eu penso nas coisas pequenas, próximas... sabe como é, uma garota que acabei de conhecer, ou essa música que a gente vai tocar com o Chas, ou brincar na prancha de esqui na neve, no mês que vem, e aí parece ótimo. Então, o meu lema será este: pense nas coisas pequenas.¹

Existe um tipo de consenso popular, hoje em dia, de que vivemos em “uma era de narrativa”. A situação é um tanto mais complexa, pois, mesmo sendo verdade que narrativas e histórias são parte da ordem do dia, sua escala – o escopo e a aspiração delas – mudou dramaticamente. De fato, estamos entrando em um período de tipos particulares de narrativa: narrativas de vida e narrativas em pequena escala.

Anteriormente, existiram “grandes narrativas” do desígnio e do progresso humano. Hywell Williams, em sua recente cronologia do mundo, argumenta que a conexão entre a história humana e o progresso na grande narrativa cresceu exponencialmente em meados do século XIX. Ele diz que as narrativas de progresso que surgem nesse momento são frequentemente “ousadas e ingênuas”:

Elas certamente tinham por base o avanço material – a repentina e maior facilidade para viajar, melhorias de saneamento e a redução de doenças, que tanto impressionaram contemporâneos no Ocidente desenvolvido. Essas vitórias também pareceram significar um real progresso moral.

Ninguém supôs que a humanidade estava se tornando melhor na produção de santos e gênios, mas havia uma nova confiança na possibilidade de uma sociedade bem organizada. Os avanços intelectuais – que foram, outrora, o domínio de uma elite educada – haviam se disseminado.²

Ao comentar a vida pública associada a essas mudanças, ele diz: “Outrora, os céticos cortesãos do século XVIII ridicularizaram a superstição em pequenos grupos de fofocas – um século depois, massas maiores de pessoas debatiam grandes questões sobre religião e ciência, reforma política e liberdade de comércio em encontros públicos”.³

Nessa última afirmação, vemos o quanto o engajamento público caiu – a ideia de grandes massas de pessoas debatendo grandes questões é inconcebível no mundo presente. Em parte, isso está intimamente relacionado ao declínio do escopo e da aspiração da narrativa.

No século XX, testemunhamos o colapso das grandes narrativas. Novamente Williams fornece uma valiosa síntese:

A ideia da grande narrativa nas ciências humanas saiu de moda. Providência cristã, psicologia freudiana, ciência positivista, consciência de classe marxista, autonomia nacionalista, desejo fascista: todos tentaram fornecer narrativas que moldam o passado. No que se refere a políticas práticas, algumas dessas narrativas envolveram repressão e morte.

A história do século XX desfez a conexão entre o progresso material e científico e uma ordem moral melhor. O avanço tecnológico por duas vezes resultou no massacre em massa da guerra global, assim como no genocídio e na limpeza étnica. O Modelo T de Ford e as câmaras de gás foram as invenções que definiram o século.⁴

Podemos, então, começar a ver como as grandes narrativas caíram em desgraça, perdendo não apenas escopo e aspiração, mas também nossa fé subjacente em sua capacidade geral de guiar e moldar nosso destino. Do vórtice deixado depois do colapso das grandes narrativas, vemos surgir outro tipo de narrativa, infinitamente menor em escopo e frequentemente individualizada – a história de vida pessoal. Ela reflete uma dramática mudança na escala da crença e da aspiração humanas. Ao lado dessas pequenas narrativas, vemos também um retorno a preceitos mais antigos e mais fundamentalistas.

Como essa transformação do papel e do escopo da narrativa foi trabalhada? Como é o novo gênero socialmente construído? Em 1996, argumentei que a literatura e a arte estão geralmente à frente de outros portadores culturais de ideologia ao nos prover novos roteiros e ao definir nossas narrativas pessoais e “políticas de vida”. Afirmei que deveríamos situar “nossa análise de histórias para mostrar que as formas, estruturas e ideologias gerais que empregamos ao construir o caminho por meio do qual contamos nossas histórias individuais vêm de uma cultura mais ampla”.⁵

Seguindo esse escrutínio, penso que podemos ver, na atividade cultural contemporânea, como o movimento para menores escalas, para narrativas mais individuais de vida, está emergindo. Curiosamente, nosso tempo é frequentemente chamado de uma “era da narrativa”: de narrativas políticas, de “contação” narrativa de histórias, de identidade narrativa. Posto em perspectiva histórica, em oposição aos últimos séculos desde o Iluminismo, deveríamos considerá-lo como o início não da “era das narrativas”, mas da “era das pequenas narrativas”. Em nossa atual sociedade individualizada, a arte, a cultura e a política cada vez mais refletem um movimento em direção a narrativas altamente individualizadas ou de interesse específico, que sempre recorrem à literatura de terapia, pessoal e de autodesenvolvimento.

Talvez exemplos do trabalho de alguns de nossos ícones culturais ilustrem o ponto. Penso que Bruce Springsteen, o astro do *rock* americano, sempre foi um dos melhores e mais perspicazes contadores de histórias. Ele escreve suas músicas cuidadosamente e elabora grandes quadros do sonho humano, como em seu álbum *The River*. Nesse álbum ele reflete – alinhado com Bob Dylan, que recentemente escreveu que “não tinha um sonho que não tivesse sido confiscado” – sobre o limite dos sonhos humanos. Springsteen escreveu: “Um sonho é uma mentira se não se torna verdade, ou é algo pior?”. Ultimamente, essas reflexões sobre a capacidade de as maiores aspirações humanas direcionarem nossas narrativas de vida o têm levado a uma direção mais específica e individual. Seu álbum *The ghost of Tom Joad* aponta profundamente, em seu título, assim como em seu interior, para a percepção de uma enorme mudança no escopo narrativo. Tom Joad, obviamente a personagem de *As vinhas da ira*, de Steinbeck,⁶ carrega um enredo ligado aos movimentos em massa, que visavam proporcionar justiça social em um tempo de depressão mundial do mercado. Assim que essa conexão entre enredos individuais e aspirações coletivas é quebrada, entramos na época das pequenas narrativas, no mundo das “políticas de vida” individualizadas.

Em certo sentido, os trabalhos mais recentes de Springsteen, tal como *Devils and dust*, refletem o que estamos descrevendo: o movimento que se distancia de grandes narrativas, conectadas ao engajamento político, em direção a narrativas de vida individuais e, mais especificamente, centradas em políticas de vida. Podemos ver como essa importante mudança na capacidade narrativa é explorada e toma forma na obra de nossos artistas criativos. Retornando a *The ghost of Tom Joad*, de Springsteen, percebemos um olhar retrospectivo para a narrativa ligada ao propósito social e político; mas *Devils and dust* desvia o foco para uma narrativa

de vida individual. Sobre esse álbum mais recente, Sean O’Hagan escreveu que nele não há a consciência social aguda encontrada em *The ghost of Tom Joad*: “em vez disso, temos um conjunto de íntimos e, por vezes, fragmentados relances das vidas conturbadas de pessoas comuns”.⁷ “O que fiz nesse disco”, comenta Springsteen em seu DVD, “foi escrever histórias narrativas específicas sobre pessoas cujas almas estão em perigo ou estão em risco por causa de onde estão no mundo ou por causa do que o mundo está trazendo para elas”.⁸

Novamente, então, Springsteen tenta conectar suas narrativas a uma tradição mais ampla, mas, desta vez, a conexão é principalmente retórica, uma vez que as histórias agora são fragmentadas e individualizadas, e sem referência a movimentos sociais maiores (além da nebulosa “tradição popular”). O escopo e a aspiração das narrativas são cuidadosamente elaborados na citação anterior, e ilustram a importante mudança na capacidade narrativa ocorrida nos últimos dois séculos.

A mesma redefinição da capacidade narrativa pode ser vista na produção de filmes. Muitos cineastas articulam seu uso de narrativas de vida específicas na produção contemporânea de filmes. Jorge Semprun, por exemplo, que fez alguns dos filmes políticos mais marcantes, disse recentemente em uma entrevista que “o clima de Maio de 68 e seu resultado criaram um apetite por filmes políticos. [...] Mas hoje o clima é diferente. Se quiser fazer um filme político agora, você tem que partir não do ponto de vista de uma nação ou do conflito nacional, mas da escolha individual de alguém”.⁹

Gil Troy, um professor de história que escreve para o *The New York Times*, afirma algo semelhante ao ponderar as possibilidades de ação no mundo contemporâneo: “nosso desafio hoje é encontrar significado não na crise nacional, mas na vida cotidiana do indivíduo”.¹⁰

Resenhando alguns livros recentes sobre Derrida e Marx, Dolon Cummings refletiu sobre essas mudanças no alcance da narrativa teórica ao observar as diferenças entre os dois escritores:

Para a teoria “agarrar as massas”, como Marx coloca, deve haver ao menos a base de um movimento de massa que sirva de interlocutor para essa teoria. Sem tal movimento, a teoria perde direção e até disciplina. Consequentemente, a obscuridade da filosofia contemporânea, como exemplificada por Derrida e seus seguidores, não é um fenômeno puramente intelectual. Desconectada do engajamento político, a leitura perde urgência e tanto o que lemos quanto o modo como lemos se tornam quase arbitrários.¹¹

Cummings acrescenta uma última sentença muito significativa: “mas a questão de como ler cada autor não pode ser inteiramente separada da questão de como viver, e é isso que realmente nunca vai embora”.¹²

Vemos, assim, o quadro cambiante da construção narrativa e a dramática mudança no escopo e na aspiração, o que podemos notar refletido em nossa vida social e política. A mudança pode ser percebida no consultor político de uma rede de TV que recentemente disse algo como isto, que parafraseio aqui: “Não, não é que vejamos a necessidade de mudar a política em resposta à oposição pública... Não, nem um pouco... Nossa conclusão é que precisamos mudar a história que contamos sobre a política”.

Essa é uma perfeita redefinição do novo gênero de “narrativas políticas”. Aparentemente ele é novo, mas, na realidade, existe já há algum tempo – significativamente no trabalho do guru das relações públicas, Edward Bernays. Ele acreditava que poderíamos manipular os desejos inconscientes das pessoas e, ao apelar para eles, poderíamos vender qualquer coisa – de sabão em pó até políticas. Era apenas uma questão de construir o tipo certo de

história. Logo, “você não votou em um partido político por dever, ou porque acreditou que ele tinha as melhores políticas para fazer avançar o bem comum; você o fez por um sentimento secreto de que ele lhe oferecia a melhor oportunidade de promover a si mesmo”.¹³

Como Christopher Cauldwell notou, um dos resultados do triunfo das políticas narrativas é que a “política deixou de amplamente ser sobre capital e trabalho para se tornar amplamente sobre identidade e soberania”.¹⁴ Políticos parecem entender essa necessidade por narrativas aprimoradas conforme moldam suas políticas. A narrativa importa mais que a substância, como esta citação de Charles Kennedy deixa claro: “mesmo que nós tenhamos políticas boas e bastante populares [pausa], temos que encontrar e formar uma narrativa”.¹⁵

Em gerações anteriores, suas conexões com o Eton College e com Oxford teriam propiciado uma narrativa de autoridade por meio da qual poderia promover suas ambições políticas. O capital cultural e simbólico de tal educação viria, então, com um enredo implícito e muito poderoso. Esses lugares tradicionalmente produziam aqueles que nos governavam, e o capital simbólico e social que engendram ainda está em grande parte intacto. David Cameron previsivelmente se preocupou em construir uma narrativa de vida aceitável.

O dilema é ressaltado nesta entrevista de 2005 com Martin Bentham, realizada antes de Cameron se tornar líder:

Mas, como Cameron insiste, não é só sua preferência por programas televisivos atrevidos que coloca em questão a imagem estereotipada que os outros fizeram dele. Ele cita seu gosto pela música “depressiva de esquerda” de bandas como The Smiths, Radiohead e Snow Patrol, o que causa provocações de seus amigos, como um exemplo adicional de sua não conformidade com a imagem de um membro do Partido Conservador tradicional, e também, talvez de modo um

pouco precipitado para um recém-nomeado secretário de Educação, admite ter regularmente se comportando mal “de todas as maneiras” enquanto ainda estava na escola.

Mais significativamente, entretanto, ele diz que o que o mantém conectado bem firmemente ao cotidiano é o trabalho de representar seus eleitores em Witney, Oxfordshire, e a vida em casa com sua esposa, Samantha, e seus dois filhos, Ivan, de três anos, que sofre de paralisia cerebral e epilepsia, e Nancy, de 14 meses.

“Eu sou sofisticado demais para ser apoiado?” – ele brinca, antes de explicar por que rejeita as críticas à sua experiência. “No tipo de política em que acredito, não deveria importar o que você fez no passado, mas com o que vai contribuir no futuro, e penso que isso deveria ser verdade para todos, de todas as partes da sociedade, de todas as cores e idades e raças, e espero que para os velhos *Etonians* também.”¹⁶

Penso que a observação de Cameron era no sentido de que, se você reconstrói sua narrativa de vida, “não deveria importar o que fez no passado”. Em outras palavras, ele está preocupado com a interferência de sua experiência de vida, de privilégio continuado e sistemático, na narrativa que tenta criar para si mesmo e para seu partido, no qual há um “genuíno cuidado e compaixão com aqueles que ficaram para trás” e no qual o que “as pessoas realmente querem é uma alternativa prática e com os pés no chão ao Partido Trabalhista”. Ele finaliza: “Eu sou muito sofisticado? Não deveria importar muito de onde você veio – mesmo que seja de Eton”. Se, por um lado, o Eton College pode reivindicar historicamente um capital cultural e simbólico, por outro, o capital narrativo que ele propicia é claramente um pouco mais difícil de apresentar e de faturar em cima. A consideração honesta de Cameron sobre o dilema ilustra de modo elegante o importante deslocamento em direção a políticas narrativas e a forma como isso provavelmente influenciará novos modos educacionais para aquisição de capital narrativo.¹⁷

A mesma importância do capital narrativo pode ser vista penetrando a literatura de administração de negócios e liderança. O trabalho de Peter Senge sobre a disciplina de líderes de negócios aponta para a importância do que ele chama de “história principal” na motivação e na direção desses líderes.

Para forjar uma conexão entre o multinacional e o pessoal, precisamos entender o tema da vida de cada pessoa. Senge diz isto sobre histórias de propósito:

As entrevistas que conduzi preliminarmente para a produção deste capítulo levaram ao que foi, para mim, uma surpreendente descoberta. Embora os três líderes com os quais conversei operassem em segmentos completamente diferentes – uma empresa tradicional de serviços, uma tradicional de produção e uma de produção de alta tecnologia –, e embora as especificidades de suas visões diferissem substancialmente, cada um deles pareceu construir sua própria inspiração a partir da mesma fonte. Cada um percebia uma história profunda e um sentido de propósito por trás de sua visão, aquilo que nós viemos a chamar de história de propósito – um padrão abrangente de transformação que dá significado às suas aspirações pessoais e às suas esperanças para a sua organização. Para O’Brien, a história tem a ver com “a ascensão do homem”. Para Simon, com “viver numa orientação mais criativa”. Para Ray Stat, com “integrar pensamento e ação”.

Essa percepção me veio tarde da noite, depois de um longo dia com a fita e a transcrição de uma das entrevistas. Comecei a ver que esses líderes faziam algo diferente de apenas “contar histórias”, no sentido de usá-las para contar lições ou transmitir pequenas porções de sabedoria. Estavam relatando a história – a abrangente explicação de por que eles faziam o que faziam, de como suas organizações precisavam evoluir e de como essa evolução era parte de algo maior. Pensando nos líderes talentosos que havia conhecido, percebi que essa “história maior” era comum a todos eles, e reciprocamente que, de outra maneira, muitos gerentes competentes em posições de liderança não eram da mesma estirpe precisamente porque não viam uma história maior.

A história de propósito do líder é tanto pessoal como universal. Ela define o trabalho da vida desse indivíduo. Enobrece seus esforços, ao mesmo tempo que transmite uma humildade palpável, evitando que ele sobrevalorize seus sucessos e suas falhas. Traz uma profundidade única de significado para sua visão, um panorama mais amplo no qual seus sonhos pessoais e objetivos se destacam como marcos em uma jornada mais extensa. Mas o mais importante é que essa história é central para sua habilidade de liderar. Ela coloca o propósito de sua organização, sua razão de existir dentro de um contexto “de onde nós viemos e para onde vamos”, no qual o “nós” vai além da própria organização, abrangendo toda a humanidade. Nesse sentido, eles naturalmente veem a sua organização como um veículo para trazer aprendizado e mudança para a sociedade. Esse é o poder da história de propósito – ela fornece um conjunto único e integrado de ideias que dão sentido a todos os aspectos do trabalho de um líder.¹⁸

O padrão da construção narrativa pode agora ser discernido na indústria da propaganda. Em tempos passados, a publicidade era um movimento de massa, que pretendia alcançar grandes segmentos da população e os direcionava pelos meios de comunicação da televisão, do rádio e da imprensa. Ao mesmo tempo que esse não era um processo isento de construção narrativa, estando até mesmo profundamente impregnado dela, o que podia ser alcançado pelos meios de comunicação de massa era a construção narrativa de identidades e desejos coletivos. Não se tratava de grandes narrativas, mas elas eram certamente abrangentes e dirigidas a segmentos significativos da população. Essa publicidade narrativa coletiva está começando a ruir diante da ascensão da pequena narrativa e da sociedade individualizada. Os sinais estão por toda parte. Por exemplo: no último ano, a receita de publicidade caiu 3,5% para a imprensa nacional, 4,5% para a rádio comercial e 3,3% para um dos principais canais comerciais de televisão (ITV1). Essas são reduções muito significativas no

período de um ano, e indicam o início de um acentuado declínio da publicidade narrativa de massa. Em seu lugar, de acordo com o Conselho Nacional do Consumidor [National Consumer Council], está um padrão totalmente diferente de publicidade. Em contraste com os dados acima, a publicidade na internet cresceu 70% no último ano. Isso é uma mudança de paradigma no tamanho e na ambição da publicidade. Um porta-voz do Conselho Nacional do Consumidor disse:

O interessante sobre a internet é que podemos contar, para cada pessoa, histórias personalizadas que se encaixam em seus preconceitos e suas predileções. O anunciante pode acessar toda essa informação de nicho e pode adaptar narrativas individuais e personalizadas para cada gosto individual. Isso provavelmente será mais bem-sucedido que as imprecisas propagandas em massa do passado.¹⁹

Podemos ver, então, como a “era das pequenas narrativas”, de narrativas de vida, tem se expressado em padrões emergentes da arte, das políticas e dos negócios. Nesse sentido, as problemáticas inerentes ao estudo das vidas das pessoas são parte de um contexto mais amplo de relações sociais, propriedades e provisões. Lasch, por exemplo, examinou a trajetória histórica de vidas privadas em *Haven in a heartless world* [Refúgio em um mundo sem coração].²⁰ Em sua história da sociedade moderna, o autor distingue duas fases. Ele argumenta que, na primeira, a divisão do trabalho que acompanhou o desenvolvimento do capitalismo individual privou as pessoas comuns do controle sobre sua atividade, tornando-a alienante e não satisfatória. E afirma que, na segunda, o liberalismo promoveu uma visão de que, embora o trabalho possa ser alienado dentro do sistema capitalista, tudo poderia ser restaurado no domínio privado. “Foi combinado que as pessoas estariam livres para buscar a felicidade e a virtude em suas vidas privadas como quisessem.” O local de trabalho seria esse espaço

dissociado; o lar e a família tornar-se-iam o “refúgio em um mundo sem coração”.²¹ Assim que essa equação foi estabelecida, Lasch afirma, o liberalismo recuou em suas promessas:

A vida privada estava se abrindo para as profissões “de ajuda”: médicos, professores, psicólogos, especialistas em orientação infantil, agentes da Vara da Infância e da Juventude e semelhantes. O domínio privado foi imediatamente tomado como vítima dessas quase oficiais “forças de virtude organizada” e “a esperança de que transações privadas pudessem compensar o colapso de tradições comunitárias e da ordem civil” foi sufocada pelas profissões de ajuda.²²

Curiosamente, Denzin recentemente argumentou que etnógrafos e biógrafos representam a última onda nessa “penetração” das vidas privadas, o que é de esperar em um tempo em que vemos “a emergência de novas políticas conservadoras de saúde e de moralidade, centradas na sexualidade, na família e no individual”.²³

Assim, ele afirma:

A biografia e a autobiografia estão entre os legados de Reagan para a sociedade americana. Nesses tipos de texto, as comunidades acadêmicas americanas liberais e de esquerda reafirmam o compromisso com o valor das vidas individuais e sua precisa representação no documento da história de vida. A história, então, torna-se a resposta da esquerda para as políticas conservadoras repressivas das últimas duas décadas da história americana. Com esse método, os tristes contos dos americanos desfavorecidos podem ser relatados. Em tais contos, uma identificação romântica e política com o oprimido pode ser produzida. Dessa identificação surge uma nova política de protesto; uma política enraizada nas duras e cruas fronteiras econômicas, raciais e sexuais da vida contemporânea. Esse método revela quão amplamente os agrupamentos sociais não estão aptos a tanto viver suas versões ideológicas do sonho americano, quanto a experimentar felicidade pessoal.²⁴

E ainda mais:

Ao reinscrever a vida real, com todas as suas nuances, suas insinuações e seus terrores, na história de vida, pesquisadores perpetuam um compromisso para a produção de textos de problemas sociais realistas e melodramáticos que criam uma identificação com os oprimidos da sociedade americana. Esses trabalhos de realismo reproduzem e espelham as estruturas sociais que precisam ser mudadas. Valorizam a subjetividade dos indivíduos sem poder. Transformam em herói o *voyeur* etnógrafo-interacionista que volta do campo com contos comoventes dos despossuídos. Trabalham a partir de um viés ideológico que enfatiza a abordagem situacional, adaptativa e normativa aos problemas sociais e a suas resoluções, seja nas salas de aula, seja na rua, seja em casa.²⁵

A ascensão da narrativa de vida claramente vem com um conjunto de problemas, e de possibilidades, para o cientista social. Ao examinar o amplo contexto social das narrativas de vida, podemos começar a apreciar os dilemas do trabalho qualitativo, que tratam das narrativas pessoais e das histórias de vida.

A versão de “pessoal” construída e trabalhada em alguns países ocidentais é uma versão particular, individualista, de ser uma pessoa. É irreconhecível para grande parte do resto do mundo. Mas muitas histórias e narrativas que temos de professores funcionam sem problemas e sem questionamentos com essa versão de ser pessoal e de conhecimento pessoal. Disfarçando os limites do individualismo, com frequência tais relatos apresentam “isolamento, estranhamento e solidão [...] como autonomia, independência e autoconfiança”.²⁶ Andrews conclui que, se ignoramos o contexto social, privamos a nós e a nossos colaboradores de significado e entendimento. Ela diz: “parece-nos visível que o contexto em que as vidas humanas são vividas é central para o núcleo do significado nessas vidas”. E argumenta que “pesquisadores não deveriam, então, se sentir livres para

discutir ou analisar como indivíduos percebem significado em suas vidas e no mundo à sua volta enquanto ignoram o conteúdo e o contexto desse significado”.²⁷

A verdade é que, muitas vezes, um contador de história de vida negligencia o contexto estrutural da vida desses indivíduos ou interpreta tais forças contextuais de um ponto de vista tendencioso. Como Denzin disse, “muitas vezes, uma pessoa vai agir como se tivesse construído sua própria história, quando, de fato, foi forçada a construir a história que viveu”.²⁸ Ele dá um exemplo do estudo de 1986 sobre alcoólatras: “você sabe que aguentei os últimos quatro meses, sozinho. Não usei ou bebi. Estou realmente orgulhoso de mim. Consegui”.²⁹ Um amigo, ouvindo esse relato, comentou:

Você sabe que estava sob uma ordem judicial durante todo o ano passado. Você sabe que não fez isso sozinho. Foi forçado a fazer, quer você queira aceitar esse fato, quer não. Você também foi para o AA e para o NA. Ouça, Buster, você fez o que fez porque teve ajuda e porque estava assustado, e pensou que não tinha outra opção. Não me venha com essa de “eu fiz por conta própria”.³⁰

O primeiro locutor responde: “Eu sei. Apenas não gosto de admitir”. E Denzin conclui: “Esse ouvinte invoca duas forças estruturais, o Estado e o AA, que são responsáveis em parte pela experiência desse locutor. Ter assegurado apenas o relato do locutor, sem um conhecimento da sua biografia e da sua história pessoal, teria produzido uma interpretação equivocada da sua situação”.³¹

A história, então, proporciona um ponto de partida no desenvolvimento de novos entendimentos da construção social da subjetividade; se as histórias ficam no nível do pessoal e prático, renunciamos a essa oportunidade. Ao discutir o método narrativo com foco no conhecimento pessoal e prático de professores,

Willinsky escreve: “estou preocupado que um processo de pesquisa que pretende recuperar o pessoal e o experiencial suplante esse local de construção em sua busca de uma unidade de superação na narrativa do indivíduo”.³²

Essas são as questões que começam a nos confrontar assim que a era da narrativa de vida ganha ritmo. Vamos, então, rever alguns dos problemas que enfrentamos ao trabalhar com narrativas de vida individuais. Primeiro, a história de vida pessoal é um dispositivo *individualizador* se dissociado do contexto. Dá destaque às singularidades da personalidade e da circunstância individuais e, ao fazê-lo, oculta ou ignora circunstâncias coletivas e movimentos históricos. Histórias de vida são construídas apenas em uma circunstância histórica e em condições culturais específicas – que precisam ser incorporadas em nossa compreensão metodológica.

Segundo, a história de vida individual, longe de ser pessoalmente construída, é ela própria “roteirizada”. Os roteiros sociais que as pessoas empregam ao contar suas histórias de vida são derivados de um pequeno número de arquétipos disponíveis na sociedade. O roteiro da história de vida, longe de ser autônomo, é altamente dependente de roteiros sociais mais gerais. De certo modo, o que recebemos quando ouvimos uma história de vida é uma combinação de histórias arquetípicas derivadas de forças sociais mais amplas e de caracterizações pessoais acionadas pelo contador. A história de vida, então, tem de ser culturalmente situada ao buscarmos nossas compreensões.

No geral, as próprias histórias de vida não reconhecem essa localização cultural explicitamente nem refletem sobre a sua localização histórica em um tempo e um lugar particulares. A história de vida como dado, então, enfrenta um terceiro dilema, podendo ser um dispositivo “descontextualizador” ou, no mínimo, um dispositivo pouco contextualizador. Isso significa

que o contexto histórico das histórias de vida precisa ser mais profundamente elucidado e que elas precisam ser entendidas em relação ao tempo e à periodização. Podemos pensar no tempo, como os *annalistas* franceses fazem, como algo que existe em um conjunto de níveis.

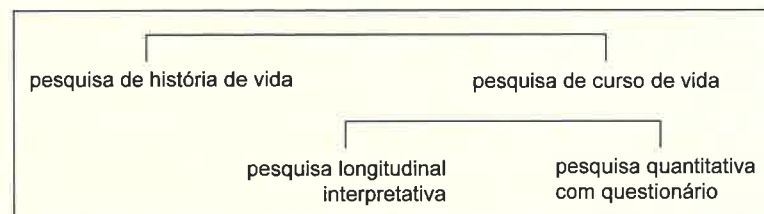
Primeiro, há o amplo tempo histórico – os amplos movimentos e períodos da história humana –, o que os *annalistas* chamaram de *longa duração*. Depois, há o tempo geracional, ou tempo dos grupos – as experiências específicas de gerações particulares, como os *baby boomers*, nascidos depois da Segunda Guerra Mundial. Em seguida, há o tempo cíclico – os estágios do ciclo de vida desde o nascimento, passando pelo trabalho e pelo cuidado dos filhos (para alguns), chegando até a aposentadoria e a morte. Finalmente, há o tempo pessoal – o modo pelo qual cada pessoa desenvolve fases e padrões de acordo com seus sonhos pessoais, objetivos ou imperativos durante o curso da vida.

Esses fatores históricos associados com o tempo e o período devem ser considerados enquanto desenvolvemos nossos entendimentos sobre dados de histórias de vida. Esse escrutínio do contexto histórico, mais amplamente concebido, também nos permitirá interrogar a questão da individualização e da roteirização mencionada anteriormente. O objetivo – de fornecer uma história da ação individual dentro de uma teoria do contexto – é atingido quando fazemos a transição do estudo de “estórias” de vida para o de histórias de vida.

“Learning Lives”: Um exemplo

O projeto “Learning Lives” foi realizado entre 2004 e 2008 e foi apoiado pelo Economic and Social Research Council [Conselho de Pesquisa Socioeconômica] no Reino Unido.

FIGURA 5.1 – “LEARNING LIVES”



Da análise inicial dos textos, surgiram vários temas abrangentes. No caso em consideração, o tema foi a importância dada às experiências da primeira infância para explicar eventos de vida e escolhas posteriores. O participante cujas histórias usamos neste capítulo é um dos que se encaixaram nesse grupo temático. As histórias foram selecionadas para oferecer um panorama da variedade de experiências da infância e da adolescência que podem ser vistas como importantes para a formação de identidade na vida posterior e para as jornadas desenvolvidas a partir delas.

O que faz o projeto incomum não é apenas sua extensão (um período de coleta de dados de quase três anos) e seu tamanho (cerca de 750 entrevistas em profundidade com 150 adultos de 25 anos de idade ou mais, além de um estudo longitudinal a partir de um questionário com 1.200 participantes), mas também o fato de que ele combina duas abordagens: pesquisa de história de vida e pesquisa de curso de vida. Além disso, na segunda abordagem, utiliza uma combinação de pesquisa longitudinal interpretativa e de pesquisa quantitativa com questionário (ver Figura 5.1).

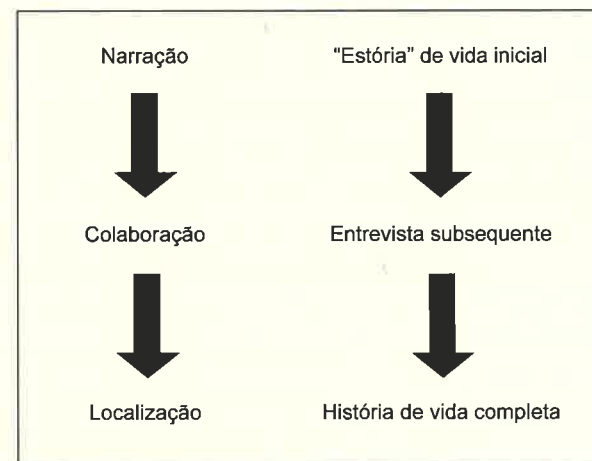
No projeto “Learning Lives”, temos a oportunidade de ver como a história de vida pode elucidar respostas de aprendizagem. O que fazemos no projeto é lidar com a aprendizagem como uma das estratégias que as pessoas empregam como resposta aos acontecimentos em suas vidas. A grande virtude dessa situação, no que diz respeito a nosso entendimento sobre aprendizagem no

contexto de vida, é que passamos a ter uma ideia do engajamento na aprendizagem em sua relação à maneira como as pessoas vivem. Quando vemos a aprendizagem como uma resposta a eventos reais, o engajamento pode ser tomado garantido. Grande parte da literatura sobre aprendizagem falha ao abordar essa questão crucial do “engajamento” e, conseqüentemente, a aprendizagem é vista como uma tarefa formal que não está relacionada com as necessidades e os interesses do aprendiz. Desse modo, muito do planejamento curricular é baseado em definições prescritivas sobre o que deve ser aprendido, sem considerar as situações de vida dos alunos. Como resultado, uma vasta quantidade de planejamentos curriculares fracassa, porque o aluno simplesmente não se envolve. Considerar a aprendizagem em uma história de vida é entender que ela está situada em um contexto em termos: (1) da história de vida do indivíduo; (2) da história e da trajetória das instituições que oferecem oportunidades de aprendizagem formal; (3) das histórias das comunidades e dos lugares em que a aprendizagem informal acontece. Quanto aos espaços de transição, podemos ver a aprendizagem como uma resposta a transições ocasionais – tais como eventos relacionados a doenças, desemprego e disfunção doméstica – e a transições mais estruturadas, relacionadas a mudança de *status* profissional e aposentadorias. Conseqüentemente, esses eventos transicionais criam encontros com oportunidades formais, informais e primitivas de aprendizagem.

Como, então, devemos organizar nosso trabalho para ter certeza de que a nossa coleção de narrativas de vida e de narrativas de aprendizagem não cairá nas armadilhas da individualização, da roteirização e da descontextualização? A resposta é que tentamos incorporar a contínua preocupação com o tempo e o período histórico, e com a localização contextual e histórica. Ao estudar a aprendizagem, como qualquer outra prática social,

precisamos considerar desde o princípio uma compreensão do contexto – histórico e social – no qual aquela aprendizagem acontece. Isso significa que a nossa coleção inicial de histórias de vida, como foram narradas, torna-se uma colaboração com os nossos contadores de história de vida sobre o contexto histórico e social de suas vidas. Ao fim, esperamos que a “estória” de vida se torne história de vida porque está localizada no contexto e no tempo histórico. Nossa seqüência, então, move-se como mostrado na Figura 5.2.

FIGURA 5.2 – DESENVOLVENDO ENTREVISTAS DE HISTÓRIA DE VIDA



Deixe-me dar um exemplo concreto de como a localização pode funcionar ao estudar a vida de professores. Nas histórias de vida de professores, atualmente, o enredo usual os retrata como técnicos que seguem as diretrizes governamentais e ensinam um currículo prescrito por governos e por departamentos de educação. O enredo, assim, reflete um movimento histórico particular no qual o trabalho dos professores é construído de uma maneira particular. No entanto, se comparamos os atuais

enredos de professores na Inglaterra com aqueles coletados 30 ou 40 anos atrás, percebemos que as histórias do passado eram de profissionais que tinham a autonomia e a capacidade de decidir qual currículo ensinar e qual conteúdo organizar para conduzi-lo. Ao tentar situar a história de vida de professores atuais, temos que mencionar a contínua construção do trabalho docente de uma maneira particular. No processo de entender como a atividade dos professores contemporâneos implica um contexto de trabalho particular, obtemos também algum sentido do contexto histórico do trabalho do professor e do modo como isso está sujeito a mudanças e a transições à medida que as circunstâncias históricas da escolarização são alteradas. Portanto, do movimento que parte da narrativa em direção à contextualização, um entendimento histórico do trabalho de professores pode emergir.

É dessa maneira que o tempo e o contexto podem surgir dentro da pesquisa de história de vida. Para ter certeza de que esse aspecto temporal estaria plenamente acionado dentro do projeto, dividimos nossa investigação entre pesquisa de história de vida e pesquisa de curso de vida. Desse modo, o contexto histórico da aprendizagem pode ser examinado tanto retrospectivamente quanto no “tempo real” contemporâneo. O entendimento retrospectivo da biografia de aprendizagem pode ser explorado na pesquisa de história de vida, ao passo que o entendimento em tempo real das maneiras como as biografias de aprendizagem são vividas pode ser captado por meio de pesquisas longitudinais de curso de vida. Assim, colocamos a pesquisa retrospectiva de história de vida em contraste com a longitudinal de curso de vida.

Resumimos a fundamentação para combinar essas duas abordagens da seguinte maneira:

A razão para combinar as duas abordagens não é apenas porque assim se aumenta o intervalo de tempo disponível para a investigação

(embora o estudo retrospectivo da biografia de aprendizagem só possa ser feito por meio de considerações e lembranças dos participantes).

É também por acreditarmos que a combinação das duas abordagens nos permite ver mais e alcançar uma melhor compreensão do que seria possível se usássemos apenas uma delas.

Simplificando: a pesquisa de história de vida pode agregar profundidade às interpretações dos resultados da pesquisa longitudinal de curso de vida, enquanto a pesquisa de curso de vida pode ajudar a desvendar as complexidades da pesquisa de história de vida. Cada uma, em outras palavras, é uma fonte potencial de contextualização e interpretação das descobertas da outra.³³

Afastando-nos de “estórias” de vida em direção a histórias completas de vida, e integrando análises de curso de vida, maximizamos o potencial para compreender como tempo e contexto impactam as “vidas de aprendizagem” [*learning lives*] das pessoas. Tal trabalho, então, tenta colocar a narrativa de vida individual de volta no contexto coletivo. Ao fazê-lo, buscamos transpor a fissura entre a narrativa de vida individual e a experiência coletiva e histórica.

Os próximos capítulos exploram como isso pode funcionar no estudo do conhecimento profissional e da vida dos professores.

Notas

- 1 McEwan, 2005, pp. 34-35.
- 2 Williams, 2005, p. 18.
- 3 *Idem, ibidem.*
- 4 *Idem, ibidem.*
- 5 Goodson, 2005, p. 215.
- 6 Steinbeck, 1939.
- 7 O'Hagan, 2005, p. 7.
- 8 Springsteen, citado em O'Hagan, 2005, p. 7.
- 9 Semprun, 2004, p. 4.
- 10 Troy, 1999, A27.

- 11 Cummings, 2006, p. 39.
- 12 *Idem, ibidem.*
- 13 Adams, 2002, p. 5.
- 14 Cauldwell, 2005.
- 15 Kennedy, *apud* Branigan, 2005, p. 8.
- 16 Bentham, 2005, p. 10.
- 17 Ver Goodson, 2004.
- 18 Senge, 1990, p. 346.
- 19 Entrevista na *BBC News*, 23 de março de 2006.
- 20 Lasch, 1977.
- 21 Menaud, 1991.
- 22 Lasch, 1977, p. 168.
- 23 Denzin, 1991, p. 2.
- 24 *Idem, ibidem.*
- 25 *Idem*, pp. 2-3.
- 26 Andrews, 1991, p. 13.
- 27 *Idem, ibidem.*
- 28 Denzin, 1989, p. 74.
- 29 *Idem*, pp. 74-75.
- 30 *Idem, ibidem.*
- 31 *Idem, ibidem.*
- 32 Willinsky, 1989, p. 259.
- 33 Biesta, Hodkinson & Goodson, 2004, p. 4.

Referências

- ADAMS, T. "How Freud got under our skin". *The Observer*, 10 Mar. 2002.
- ANDREWS, M. *Lifetimes of commitment: Ageing, politics and psychology*. London, Routledge, 1991.
- BENTHAM, M. "Tories' young pretender insists on a fair chance for all". *The Observer*, 15 May 2005.
- BIESTA, G. J. J.; HODKINSON, P. & GOODSON, I. F. "Combining life history and life course approaches in researching lifelong learning: Some methodological observations from the Learning Lives Project". *Paper* apresentado na Conference of Teaching and Learning Research Programme. Cardiff, Nov. 2004.
- BRANIGAN, T. "Kennedy prepares for the next step". *The Guardian*, May 2005.
- CAULDWELL, C. "The final round for party politics". *The Financial Times*, 20 Nov. 2005.
- CUMMINGS, D. "Thinking outside the text". *New Statesman*, 9 Jan. 2006.
- DENZIN, N. *Interpretative biography*. London, Sage, 1989.

- DENZIN, N. "Deconstructing the biographical method". *Paper* apresentado na American Educational Research Association Conference. Chicago, 9 Apr. 1991.
- GOODSON, I. F. "Narrative capital and narrative learning". Viborg, University of Viborg, Nov. 2004. (Artigo apresentado em uma oficina na Universidade de Viborg. Posteriormente, o texto foi consideravelmente ampliado em aulas de pós-graduação oferecidas na Universidade de Barcelona em um curso sobre histórias de vida durante o período de janeiro a julho de 2005.)
- . *Learning, curriculum and life politics*. London, Routledge, 2005.
- LASCH, C. *Haven in a heartless world*. New York, Basic Books, 1977.
- McEWAN, I. *Sábado*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, edição digital.
- MENAUD, L. "'Man of the people', a review of *The true and only heaven* by C. Lasch". *New York Review of Books*, vol. XXXVIII, n. 7, 11 Apr. 1991.
- NATIONAL CONSUMER COUNCIL. Interview with spokesman on *BBC News*, Thursday 23 Mar. 2006.
- O'HAGAN, S. "Boss class". *Observer Magazine*, 24 Apr. 2005.
- SEMPRUN, J. "Interview". *Financial Times Weekend*, 28 Nov. 2004.
- SENGE, P. *The fifth discipline: The art and practice of the learning organization*. New York, Doubleday, 1990.
- STEINBECK, J. *The grapes of wrath*. New York, Viking Press-James Lloyd, 1939.
- TROY, G. "Finding meaning in the prosperous '90s". *The New York Times*, 24 Sep. 1999.
- WILLIAMS, H. *Cassell's chronology of world history*. London, Cassells, 2005.
- WILLINSKY, J. "Getting personal and practical with personal practical knowledge". *Curriculum Inquiry*, vol. 19, n. 3, 1989, pp. 247-264.